



O Espozendense

ANO XXXV

ESPOZENDE, 24 DE DEZEMBRO DE 1927

NUMERO 1:021

Semanario republicano, independente defensor dos interesses deste concelho

Director, administrador e propriet.—José da Silva Vieira

Editor—Julio de J. Giesteira Lima

Composição e impressão—Typ. Espozendense—Espozende

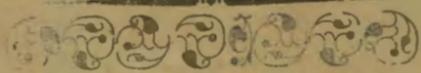
ASSIGNATURA

Anno, sem estampilha 85000 rs.—Numero avulso 200 rs.—Com
estampilha e para fóra 105000 rs.—Brasil, (Mouda forte), 305000 rs.
Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

ANNUNCIOS

Judiciaes: linha ou esp. de linha 1500 esc.—Comun. ou re-
clames, linha 50 c. Imposto do sello, cada publicação. 15 c. — Anuncios
particulares: linha 70 c. Reclames e obras literarias med. um exemp. Não se restituem originaes.

Este n.º foi visado pelo snr. Administrador do Concelho.



1927

A todos os nossos bondosos assinantes, distintos colaboradores e presados colegas no jornalismo—os nossos cumprimentos de—

BOAS-FESTAS.

1928



AGUA DO BOURO

O actual presidente da Commissão Administrativa, teve ha dias em Braga uma conferencia com o ex.^{mo} snr. Director das Obras publicas do districto, sobre a canalisação da Agua do Bouro, para esta vila. Como esta repartição informou por varias vezes que a obra não se completava enquanto a Camara não desembaraçasse as aguas, e tendo a Camara passada da vice-presidencia do snr. Fernando Porfirio conseguido vencer essa dificuldade junto dos dónos dos terrenos por onde a agua passa, esperamos que agora aquela repartição de Braga não demore o inicio dessss obras.

E' tambem dos melhoramentos mais necessarios á nossa terra e a Camara que a realisar, deverá ser considerada benemerita do concelho.

Coisas impossiveis

Deixar de haver vento norte em Espozende.

*

Chegar até nós o meio locomovel a vapor.

*

Conseguir-se a cabine telefonica p'ra Espozende.

Ha quem diga que virá quando as galinhas tiverem dentes.

*

Haver moralidade nas lingua-gem das ruas.

*

Deixar de se cometer abusos e infrações nas vias publicas da vila.

Para a consoada

Chegou ao estabelecimento do sr. Artur Marques Henriques, para a consoada, o esplendido bacalhau, figos, nozes, queijo, vinhos finos, geropiga, polvo, e muitas mais coisas que só visitando-o se pôde certificar.

As provincias de Portugal

Elas teem as cores do Arco-Iris: o Minho é verde tenro; o Douro fragoso, violaceo; as Beiras dos Olivados, porvilha-as o verde mesto das cinzas peneiradas; a Estremadura ribatejana é um poente alaranjado; o Alentejo é todo amarelo; e o Algarve, todo azul, com chapadas de cal por entre o verde-negro das figueiras.

No norte e no sul o pintor enche a paleta de branco, de verde crú, de azul; no centro de verde sombrio, e de violeta.

A luz do norte e do sul é um clarim; a do centro, um violoncelo. Nos extremos, metais: no meio, cordas.

O Minho é uma horta; o Douro, uma serra; Trás-os-Montes, montados; a Estremadura uma leziria; o Alentejo, uma charneca; e o Algarve, um pomar. Aqui, a couve e o milho; ali, a vinha; além o centeio; acolá, o trigo lá em baixo, a amendoa e a alfarroba.

O homem do norte vive no seu quintal; o do sul, na campina. Um dobra-se sobre os quatro palmos da sua terrinha e, porque esta lhe basta trabalha a cantar e morre a rezar. O outro estende a vista pela leziria dilatada e a sua alma enche-se de ansia e de sofreguidão. Aquele é calmo; este, agitado.

A leira humida e solbosa pede um laborzinho cuidado a planicie calcinada exige moirer violento. Uma terra convida; outra impõe. O lavrador cá de cima, quando não chove, faz promessas, às santas e aos santos; o de lá debaixo, nas inundações ou

nas secas, pragueja.

Aqueles têm cartilhas; estes, jornais. O povo do norte tem os pés num relvado; o do sul, num vulcão.

No norte, a propriedade é de muitos; no sul, de poucos. Esta, em latifundios, atrai colonos; aquela, dividida e sub dividida em leirinhas, lameirinhos, pinhaizinhos, atira com o dono, quando moço, para a emigração. As quintas do Minho cabem na palma da mão, medem-se com os olhos. No alentejo, a vista não abrange as herdades que se avaliam galopando-as a cavalo, durante horas. Na leira, ha lavradores pobres e remediados; na charneca, abastados e riquissimos.

No norte, o povo ajunta-se em magotes e lá segue de alongada, bailando e cantando; sob a luz erua que bebe a cor fulva das estradas e azula as sombras dos beirais e dos lenços brancos das cachopas.

Suas cantigas resoam nos outeiros, e os estandartes das suas rusgas ou das suas procições teem de se dobrar por baixo das latadas verdes de cachos maduros e sob as copas de velhas carvalheiras que, pendentes dos valados ensombram os caminhos amarelos de sombras violáceas.

No sul, a charneca longa e exhaustiva, cria a caravana silenciosa; e no ar, limpo de arvores, o vento freme os panos das bandeiras insofridas, aos berros—em revolta.

O norte usa chapelão negro calado e triste; o sul, carapuça garrida de cores, e agitada pelo vento. O minhoto acompanha-se de um cão; o serrano, de rebanho; trans-tagano, de manadas.

Nas conquistas, para baixo do Mondego, guerreou-se; para cima, guerrilhou-se.

Os santos são do norte: os postas, do centro; os navegadores, do sul.

Cá em cima, os galiecos misturam-se com os asturionleóneses: lá em baixo, os lusos cruzaram-se com os mouros.

Aqui árias: ali semitas.

Meio paiz é celta; outro meio é árabe.

Portugal tem dois portu-gais distintos que deviam de viver separados — sobre si, embora unidos numa só força, nas acções comuns. As raças são, além de cores diversas, luzes de sentimentos diferentes para os povos se saberem guiar e agrupar em volta delas; e as serras e os rios, muros de terra e balisas de água a delimitar regiões e nações:—deuses «Terminus» que ensinam politica aos homens.

Joel Magalhães

MEDICO

Consultas das 9 ás 12.
Rua Barão de Espozende.

DUAS «EVAS».

O ex.^{mo} Juiz de Direito d'Espozende mandou internar na cadeia duas irmãs do preso Caga, com os 2 sacos de maçãs que lhe levavam de presente, e que ele digna e nobremente não aceitou; sob a condição de não sair da prisão em quanto as não comerem.

(Do J. de Noticias)

Aquelas duas irmãs
Já comoram as maçãs?...
As baunêças que um juiz
Não aceitou ou não quiz?

Pobres das duas Evas
Que levaram o presente,
E, muito apressadamente,
Têm de comê-lo, quais cevas!

Gostel déveras do gesto
E d'esta pena tão recta!
Senhor Juiz! porque é texto,
Marque lá duas... á preta!

J. do G.

Para a Consoada

O nosso presado amigo sr. Ave-lino Gomes da Costa Freitas, negociante na vizinha Fão, comunica-nos que já recebeu grande quantidade do especifico bacalhau inglez, polvo hespanhol, nozes, avelãs, amendo-as, queijo flamengo e nacional, aletria, vinho do Porto, e todos os mais indispensaveis para se saborear na grande noite de Natal. Ora nós sabemos o gosto que aquele nosso amigo tem por agradar aos seus bons freguezes fornecendo-lhes tudo o que é bom e por preços baratissimos. Chamamos, pois, a atenção do publico para o seu estabelecimento.

